

ARTIGO

Recebido em 24 de fevereiro de 2022
Aprovado em 02 de novembro de 2022

A Pastio Villatica no Rerum Rusticarum de Varão: entre a economia e a competição aristocrática

The *Pastio Villatica* in Varro's *Rerum Rusticarum*:
between the economy and aristocracy competition

DOI: <https://doi.org/10.24206/lh.v8i2.50410>

Helton Lourenço Carvalho

Doutorando em História na Universidade Federal de Ouro Preto. Bolsista CAPES.
Membro do Laboratório de Estudos sobre o Império Romano (LEIR/UFOP).

E-mail: carvalhohl@hotmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4062-4198>

RESUMO

O objetivo deste artigo é apresentar alguns apontamentos sobre a denominada *uillatica* a partir das representações presentes no terceiro livro do *Rerum Rusticarum* de Varrão. De modo geral, a *pastio uillatica* pode ser compreendida enquanto um modelo de propriedade privada voltada para a criação de animais de pequeno e médio porte. Na moderna historiografia, os estudos destas representações têm caminhado em duas direções. Por um lado, parte da historiografia tem destacado o papel econômico destas propriedades. Por outro lado, alguns estudos têm demonstrado que, para além do aspecto econômico, a representação destas propriedades diz também sobre as relações de poder, a competição e a autorrepresentação da aristocracia. Sendo assim, nossa hipótese inicial é que os aspectos econômicos circunscritos a esta modalidade de criação não devem ser dissociados da competição social e da autorrepresentação da aristocracia na República Romana Tardia.

Palavras-chave: *Pastio Villatica*. Economia. Autorrepresentação. Competição. Varrão.

ABSTRACT

The purpose of this article is to present some notes on the so-called *pastio uillatica* from the representations present in the third book of Varro's *Rerum Rusticarum*. In general, *pastio uillatica* can be understood as a model of private property aimed at raising small and medium-sized animals. In modern historiography, studies of these representations have gone in two directions. On the one hand, part of the historiography has highlighted the economic role of these properties. On the other hand, some studies have shown that, in addition to the economic aspect, the representation of these properties also says about the power relations, competition and self-representation of the aristocracy. Therefore, our initial hypothesis is that the economic aspects limited to this type of creation should not be dissociated from social competition and the self-fashioning of the aristocracy in the Late Roman Republic.

Keywords: *Pastio Villatica*. Economy. Self-fashioning. Competition. Varro.

Introdução

De maneira geral, a *pastio uillatica* é uma modalidade de criação na casa de campo que difere tanto da agricultura como da pecuária. Sendo assim, a *pastio uillatica* pode ser compreendida como um desdobramento da sistematização das atividades desenvolvidas nas denominadas *uillae*, mas voltadas para a criação intensiva de animais de pequeno e médio porte, como galinhas, pombos, patos, lebres, peixes, abelhas, mas também com espaços reservados ao cultivo de hortaliças e flores. Varrão, que escreveu no século I a.C. um tratado intitulado *Rerum Rusticarum*, divide esta modalidade de criação em três partes principais: os viveiros (*ornithones*), os criadouros (*leporaria*) e os tanques de peixe (*piscinae*). Todavia, é importante destacar que este modelo de propriedade poderia ser orientado tanto para a produção e comércio quanto para o deleite de seus proprietários.

De fato, a primeira vez que o conceito de *pastio uillatica* aparece nos tratados latinos sobre a temática agrária é no *Rerum Rusticarum* de Varrão. Para Varrão, esta modalidade “não havia sido suficientemente diferenciada até aquele momento por ninguém - *ab nullo satis discreta* - nem ninguém o havia explicado, até a redação de seu tratado, separadamente da pecuária em geral” (BARRIOS, 2010, p. 101). Contudo, como ressalta Neville Morley, é difícil estabelecer uma cronologia exata do surgimento deste modelo de criação, “exceto por meio de comparações grosseiras de diferentes escritores - por exemplo, o pequeno espaço que Catão dedica à *pastio uillatica* no século II a.C. contrastou com o extenso relato da obra de Varrão no final do século I a.C.” (MORLEY, 2002, p. 90).¹

Tendo, pois, escritos três livros sobre as atividades agrárias - o primeiro sobre a agricultura, o segundo sobre a pecuária -, Varrão reservou o terceiro livro para as considerações sobre a criação de animais na casa de campo. Assim sendo, ele ressalta que, embora a *pastio uillatica* seja próxima da atividade dos pastores, ela difere de forma substancial da pecuária:

Esta parte mesma é dupla, ainda que por ninguém bastante diferenciada, pois uma é a criação na casa de campo, outra a criação rústica. A última é conhecida e valorizada porque também se chama pecuária, e os homens ricos, amiúde, têm por sua causa pastagens alugadas ou compradas; a outra, a criação na casa de campo, por parecer sem importância, foi por alguns unida à agricultura, embora dissesse respeito à criação; ela também, que eu saiba, nunca foi inteiramente explicada por ninguém como algo à parte (Varrão, *Rerum Rusticarum*, 3, 1, 7-9, tradução de Matheus Trevizam).²

¹ Já no século I d.C., Columela também reservou uma parte do *De Re Rustica* para as prescrições relacionadas aos animais criados na *pastio uillatica*. Columela trata da criação de animais na *pastio uillatica* nos livros oitavo, nono e décimo, se admitirmos a cultura das hortas e flores como parte deste modelo de exploração rural. O livro oitavo é direcionado aos cuidados das aves (galinhas, tordos, gansos, pavões) e aos cuidados exigidos pela piscicultura. Já o livro nono é dedicado aos animais selvagens (lebres, cabritos, cervos, javalis, gazelas, porco selvagem). No entanto, a maior parte do livro nono é destinada aos preceitos sobre a criação das abelhas. Já o livro décimo, escrito em hexâmetros, estreia um tema ainda não tratado nos livros sobre a temática agrária na literatura latina, isto é, a horticultura. Plínio, o Velho, é outro autor que também menciona sobre o surgimento das *pastiones uillaticae*, sobretudo aquelas voltadas para a piscicultura. Segundo ele, Sérgio Orata, Licínio Murena e Gaio Hirfrio foram os primeiros responsáveis pela criação de tanques de peixes no século I a.C. Enquanto Sérgio Orata havia inventado os tanques para as ostras e Gaio Hirfrio para as lampreias, já Licínio Murena foi responsável por expandir este tipo de criação para todos os outros tipos de peixes. Plínio, o Velho ainda ressalta que o exemplo de Licínio foi subsequentemente seguido por nobres como Felipe e Hortênsio (cf. Plínio, *Naturalis Historia*, 9, 168-174).

² Doravante, todas as traduções relativas ao *Rerum Rusticarum* de Varrão são de autoria de Matheus Trevizam (2012). Com exceção das citações cujos respectivos tradutores forem indicados, todas as demais traduções são de minha responsabilidade. *Quae ipsa pars duplex est, tametsi ab nullo satis discreta, quod altera est villatica pastio, altera agrestis. Haec nota et nobilis, quod et pecuaria appellatur, et multum homines locupletes ob eam rem aut conductos aut emptos habent saltus;*

Como podemos notar, para Varrão, enquanto a pecuária era mais comum entre os homens ricos (*locupletes*), o tipo de criação desenvolvido na *pastio uillatica* estava mais próxima das atividades desenvolvidas por homens humildes (*humiles*). Como ressalta Lázaro Bários, a sistematização de Varrão destaca que esta modalidade de criação se compara às “formas tradicionais camponesas de aproveitamento de uma série de recursos menores, subsidiários, mais típicos de uma economia de subsistência rural em vez da agricultura habitualmente praticada pelas classes dominantes italianas” (BARRIOS, 2010, p. 101).

Varrão, todavia, é mais sistêmico na classificação destas modalidades. Por meio de Mérula, um dos interlocutores no diálogo, Varrão estabelece que, a partir desta divisão primária em três partes (viveiros, criadouros e tanques), cada uma destas categorias pode ser dividida ainda em pelo menos mais duas partes (cf. Var., *Rust.*, 3, 3, 7-8).

Portanto, Mérula não se limita a esta divisão e estabelece outras classificações. A primeira divisão é sobre os tipos de trabalhadores para cada uma das modalidades de criação. De acordo com ele, cada uma das atividades deveria ter um encarregado especializado: os passarinhos (*aucupes*), os caçadores (*venatores*) e os pescadores (*piscatores*) (cf. Var., *Rust.*, 3, 3, 4). A segunda classificação é entre as formas antigas e contemporânea de gestão destas modalidades de criação. As formas antigas ele denomina *superiores*, vinculadas à frugalidade dos antigos, e as contemporâneas *inferiores*, devido ao aspecto luxuoso que foi agregado à *pastio uillatica*. (cf. Var., *Rust.*, 3, 3, 6).

Deste modo, este modelo de criação não era necessariamente uma novidade à época em que escreveu Varrão. Isto porque os preceitos desta *scientia* faziam parte do imaginário comum desta sociedade e estavam intimamente relacionados à esfera cotidiana. Desta forma, levando em consideração a realidade social dos romanos, um manual sobre os assuntos agrários tampouco apresentava práticas totalmente revolucionárias. Aliás, como observa Kim Bowes, os três principais textos agrônômicos escritos em língua latina - isto é, os tratados de Catão, Varrão e Columela - são apresentações de conhecimentos agrícolas “detalhados, aparados e podados por objetivos literários e restrições genéricas. De fato, o gênero da agronomia romana é um gênero definido pelo *know-how* com a enumeração de detalhes técnicos em si centrais para a autorrepresentação literária, a *techne* que define o jogo intertextual” (BOWES, 2022, p. 127).

Neste sentido, a novidade estava na incorporação desta modalidade de criação por parte das elites proprietárias de terras. Entretanto, mais do que isso, o que se poderia qualificar de verdadeiramente original é a sistematização textual como forma de distinção cultural entre as aristocracias. Deste modo, os textos de Varrão, e mesmo as informações diversas em outros gêneros literários, podem ser paradigmáticos para uma parcela da aristocracia que, por meio do conhecimento erudito, se representava como capaz de educar e conduzir as demais aristocracias.

Entretanto, o conteúdo técnico apresentado no tratado de Varrão tem sido analisado por diferentes perspectivas historiográficas. Além de sua inserção no debate sobre a economia antiga, alguns estudos mais recentes têm demonstrado que estes textos também dizem respeito sobre relações de poder, teorias de

altera villatica, quod humilis videtur, a quibusdam adiecta ad agri culturam, cum esset pastio, neque explicata tota separatim, quod sicam, ab ullo.

governança, competição social e veículos de autorrepresentação no cenário público (cf. REAY, 2005, KRONENBERG, 2009, NELSESTUEN, 2015).

Sendo assim, o restante deste artigo será dividido em duas partes. Na primeira, avaliaremos algumas possibilidades e limites de interpretação da *pastio uillatica* no tratado de Varrão a partir do modelo teórico do *New Institutionalism*. Isso porque esta perspectiva de análise tem apresentado um modelo alternativo e busca superar a querela entre primitivistas e modernistas, que marcou o debate sobre a economia antiga no século XX. Por fim, na segunda parte, pretendemos demonstrar que a temática da *pastio uillatica* no texto de Varrão também reflete algumas tensões sociais ao mesmo tempo que discute sobre qual a melhor forma de participação da aristocracia na sociedade.

A *Pastio Villatica* e o New Institucionalism: possibilidades e limites

Desde a década de 1980 diversos pesquisadores têm mobilizado diferentes argumentos na tentativa de superação do paradigma de análise da Economia Antiga proposto por Moses Finley em seu livro seminal, *The Ancient Economy*, de 1973. Para este autor, a economia antiga, circunscrita ao espaço do Mediterrâneo, era uma economia estática e subordinada ao campo político. Assim, para ele, a racionalidade antiga era aquisitiva e não produtiva como no mundo moderno, e os antigos “ainda não tinham aprendido a fazer uma equação simples entre moralidade e lucros” (FINLEY, 1986, p. 169).

Keith Hopkins, que havia sido orientando de Finley, todavia, elabora uma análise que começa a esboçar um modelo alternativo ao de Finley. Hopkins, em seu artigo “Tax and Trade in the Roman Empire”, propõe que o sistema tributário romano imposto aos camponeses impulsionou o aumento do comércio e conseqüentemente o aumento da produção, da divisão e da especialização do trabalho - e até mesmo das cidades. Desta forma, para ele havia uma correlação entre a procura por moedas no mercado, para pagamento de taxas, e o aumento da produção agrícola. Em outras palavras, o aumento das taxas impulsionou o comércio. Contudo, o mais importante da argumentação deste autor é a incipiente ideia de crescimento econômico, bem como o uso de ferramentas matemáticas para análise das transições econômicas na História.

Desde então, diversos historiadores têm voltado sua atenção para economia antiga buscando medir as variações econômicas por meio de modelos modernos de cálculo matemático. As tentativas de aproximação do PIB, O Índice de GINI, e o IDH das sociedades antigas são alguns exemplos da aplicação deste modelo teórico. Isto é, o foco na ideia de crescimento econômico modificou também a metodologia utilizada nos estudos sobre a economia (cf. SCHEIDEL; FREISEN, 2009, LO CASCIO; MALAMINA, 2009, SILVER, 2007).

Nas últimas décadas, a ideia de crescimento econômico se tornou quase que hegemônica nos estudos sobre a economia antiga, a tal ponto de ser considerada como uma nova ortodoxia (cf. VIGLIETTI, 2021). Em grande medida, o paradigma do crescimento econômico é sustentado pelo modelo teórico do *New Institutionalism* de Douglas North. A ideia central deste autor é avaliar o desempenho econômico das

sociedades humanas levando em consideração os fatores demográficos, as mudanças institucionais e os conhecimentos acumulados em cada sociedade (cf. NORTH, 2005).

Além disso, os dados da cultura material têm sido cada vez mais adotados para medir o nível de crescimento econômico nas sociedades antigas. Assim, as evidências do aumento da poluição nas geleiras, o número total de naufragos no Mediterrâneo, as ossadas de animais – usadas para medir o nível de acesso a uma dieta com proteína – e a estimativa da estatura humana através da análise de esqueletos humanos são alguns destes dados. Ademais, os estudos da *Paleoclimatologia* têm destacado que a intensificação da irradiação solar e as erupções vulcânicas são fatores que contribuíram com a melhoria do clima e para o consequente aumento da produção econômica. Apoiado tanto nas evidências arqueológicas recentes quanto no aporte teórico da *New Institutionalism*, Walter Scheidel sintetiza de forma consistente as ideias centrais do paradigma do crescimento econômico no período de transição da República Tardia para o Principado:

Na Itália republicana, o império criou fluxos de capital, e os freios ao crescimento natural foram contrabalançados pelas importações de escravos e novas oportunidades de troca comercial, enriquecimento da elite e redistribuição violenta de ativos para os plebeus. No longo prazo, o império também rendeu benefícios para as populações subjugadas: a paz reduziu os custos de transação, transformou todo o Mediterrâneo em um “mar interior” e melhorou a proporção de dotações naturais para trabalho; a integração tributária mobilizou recursos e possibilitou o capitalismo de portfólio; as transferências de conhecimento aumentaram a produtividade; e as minas anteriormente subexploradas produziam ouro que não só apoiava a monetização, mas também permitia importações de fora do Império. Todos esses desenvolvimentos coincidiram com um clima ótimo, que sustentou a produção e o crescimento da produtividade, pelo menos por um tempo, com ausência de pandemias que pudessem ter enfraquecido o poder do Estado ou a conectividade comercial. Em vista de tudo isso, é difícil imaginar como uma expansão econômica substancial poderia ter deixado de ocorrer. (SCHEIDEL, 2012, p. 13)

Desta forma, para Scheidel o desenvolvimento da infraestrutura pública - como os portos, as estradas, os aquedutos -, aliado ao capital tecnológico acumulado, gerou novos investimentos em capital humano, tais como a qualificação e racionalização da mão-de-obra, e, com isso, novas oportunidades de desenvolvimento de uma economia de mercado. Aliás, este modelo tem sido amplamente difundido no mundo anglo-saxão (cf. SCHEIDEL, MORRIS, SALLER, 2008; ERDKAMP, VERBOVEN, ZUIDERHOEK, 2015; 2020).

Para este novo paradigma, é neste período que se intensificam as *uillae* com administração orientada para maior racionalização da gestão do trabalho, para o desenvolvimento de uma agricultura científica e intensiva e voltada para a produção de *commodities* - vinho e azeite. Para Alessandro Launaro, por exemplo, o modelo de exploração difundido pelas *uillae*, em conjunto com a expansão da produção agrícola italiana no Mediterrâneo, “foi um aspecto do mesmo processo de aumento da produção agrícola. Qualquer que seja a escala real desse fenômeno, dificilmente há dúvida de que ele representou alguma forma de crescimento econômico” (LAUNARO, 2015, p. 173) Launaro ainda acrescenta que um investimento mais elevado em terra e a produção excedente “certamente implicaram níveis de produção mais elevados (crescimento agregado), mas também conduziram a algum aumento moderado na produtividade geral (crescimento real)” (LAUNARO, 2015, p. 186).

Por outro lado, alguns autores também têm destacado que este período também propiciou uma maior diversificação alimentar devido ao contato com outras culturas no Mediterrâneo. Para Neville Morley (2002), a demanda por suprimentos no mercado de Roma impulsionou o desenvolvimento das *pastiones uillatica* no *suburbium*. Além disso, para este autor, o crescimento populacional havia favorecido o investimento em mercados especializados de produção de alimento perecíveis e sazonais em grande escala.

Como destacado por Annalisa Marzano, as *pastiones uillaticae* produziam alimentos sazonais com prazo de validade curto, geralmente voltados para grandes banquetes, públicos e privados, “mas também para consumidores urbanos comuns, mas exigentes. A *pastio uillatica* incluía frutas perecíveis, carnes, aves de caça, peixes e mariscos, mel, e até flores e plantas” (MARZANO, 2018, p. 4). Marzano ainda observa que, por se tratar de “produtos finos vendidos frescos geralmente não muito distantes do centro de produção, e certamente não em quantidades comparáveis aos de bens de consumo comuns como o vinho, não temos recipientes específicos que, como as ânforas, possam ser atribuídos a este ou aquele produto” (MARZANO, 2008, p. 252). Contudo, Marzano tem chamado a atenção sobre a lucratividade econômica das *uillae maritimae* que, embora ignoradas por parte das pesquisas arqueológicas, faziam parte da “paisagem de produção da *uilla*” (cf. MARZANO, 2013).

De fato, Varrão diz que, embora relacionadas a propriedades de porte menor que o daquelas destinadas à pecuária extensiva e à agricultura intensiva, “dela, pois, também se podem obter frutos não medíocres dos aviários, viveiros e tanques de peixe” (Var., *Rust.*, 2, pref., 5).³ Aliás, o texto de Varrão é repleto de anedotas sobre as estimativas monetárias alcançadas com este modelo de propriedade. Ele diz, por exemplo, que a propriedade de sua tia na via Salária rendeu, com a venda de tordos, sessenta mil sestércios. Mérula, por sua vez, diz que a propriedade de Seio rende 50 mil sestércios anualmente (cf. Var., *Rust.*, 3, 2, 12-15). Ainda Mérula diz que M. Aufídio Lurcão obtém mais de sessenta mil sestércios anuais com a venda de pavões (cf. Var., *Rust.*, 3, 6, 1-2).

A partir do estudo dos tratados agrônômicos de Catão, Varrão e Columela, Mick Stringer, em um estudo sobre a relação entre investimentos e lucratividade no empreendimento da *pastio uillatica*, argumenta que o uso de conceitos modernos pode iluminar a análise da relação entre investimento, trabalho e rentabilidade. No entanto, ele chega inclusive a reconhecer que “devemos estar cientes de que eles [os conceitos modernos] contêm suas próprias predisposições e restrições, e, portanto, não devemos ser muito apressados em tratá-los como exemplos de racionalidade objetiva contra a qual a tomada de decisão romana pode ser julgada” (STRINGER, 2020, p. 254). Contudo, o seu ceticismo com o aparato teórico marginalista não sustenta o seu reconhecimento da racionalidade econômica, presente ainda que dispersa, nos tratados de agronomia latina. Stringer conclui, em sua análise das prescrições sobre as *pastiones uillatica*, o seguinte:

Para Catão, ao que parece, estes permaneceram de interesse marginal, enquanto pelo menos para alguns dos amigos de Varrão seu potencial de geração de caixa era altamente atraente e os custos aparentemente não problemáticos. A visão de Columela foi sem dúvida mais ponderada em seu reconhecimento dos investimentos necessários, mas demonstrei como sua linguagem indicava que, também para ele, o *pastio uillatica* era visto principalmente como um empreendimento a ser empreendido por sua capacidade de gerar retornos de caixa atraentes (STRINGER, 2020, p. 270).

³ *Ex ea enim quoque fructus tolli possunt non mediocres ex ornithonibus et leporariis et piscinis.*

Como podemos notar, a argumentação desenvolvida a partir do paradigma do crescimento econômico tem se afastado de forma cada vez mais rígida do modelo teórico de Finley. Para Finley, embora fosse possível obter uma alta lucratividade com a *pastio uillatica*, este modelo era quase que insignificante, pois era incomum ou extremo (FINLEY, 1986, p. 98).

Como já apontamos, esta perspectiva tem sido fortemente contestada. No entanto, o mais emblemático é o modelo de imperialismo que se subtrai do modelo desenvolvido a partir do aporte teórico do *New Institutionalism Economic*. Para este novo paradigma historiográfico, o Imperialismo Romano tem despontado como um processo de expansão e integração benéfico, gerando oportunidades de investimento, lucratividade e acesso aos bens materiais, e que havia beneficiado uma parcela significativa da sociedade.

Para Alesandro Launaro, por exemplo, o aumento da riqueza disponível, aliado à estabilização da ideologia aristocrática, favoreceu a expansão dos mercados e a apropriação de terra pela elite em ascensão. Contudo, ele destaca que “o velho campesinato italiano não pôde se opor a esse processo, mas isso não resultou em seu desaparecimento; envolveu-se amplamente nessas grandes transformações e se tornou uma das forças motrizes da nova agricultura italiana” (LAUNARO, 2017, p. 106). Já Geoffrey Kron diz que o acesso aos alimentos considerados exóticos e luxuosos foi paulatinamente democratizado, e estes se tornaram acessíveis a todos os níveis da população:

Os agrônomos romanos sabiam perfeitamente que a *pastio uillatica* exigia um mercado amplo para ser lucrativa, mas muitas aves de caça eram muito caras. Ainda assim, seu consumo acabou sendo democratizado, pelo menos inicialmente, como resultado das festas triunfais e dos banquetes dos *collegiae*, sugerindo que, pelo menos em ocasiões especiais, até mesmo artesãos e operários romanos poderiam participar da mais nova mania culinária. Mas, eventualmente, os romanos comuns não teriam que esperar por um triunfo ou um banquete de clube para desfrutar de peixe ou caça, mas poderiam comprá-lo em seu açougue ou loja local (KRON, 2017, p. 131)

Neste sentido, ao nosso ver, o que tem se constituído é uma análise alternativa àquela narrativa em que a expansão do sistema de produção das *uillae* teria expulsado os camponeses de suas terras. De modo geral, a tese ortodoxa na historiografia da segunda metade do século XIX era de que a introdução massiva de escravizados na península itálica era parte de um mesmo processo de empobrecimento e desapropriação do campesinato livre. Autores como Arnold Toynbee, Peter Brunt e Keith Hopkins contribuíram para a difusão desta narrativa na segunda metade do século XX (cf. TOYNBEE, 1965; BRUNT, 1971). Keith Hopkins, por exemplo, diz que, “mediante a expulsão massiva dos camponeses italianos das terras que ocupavam, puderam os ricos estabelecer grandes fundos na Itália, que eram cultivados predominantemente por escravos importados” (HOPKINS, 1980, p. 16) Esta tese é tributária de autores da própria Antiguidade Clássica, como Apiano e Virgílio. Aliás, o argumento de Keith Hopkins é idêntico ao de Apiano: “Assim, certos homens poderosos tornaram-se extremamente ricos, os grupos de escravos se multiplicavam por todas as regiões, enquanto o povo italiano diminuía em número e força, sendo oprimido pela penúria, impostos e serviço militar” (Apiano, *Bella Civilia*, 1, 7).⁴

⁴ ἀπὸ δὲ τούτων οἱ μὲν δυνατοὶ πάμπαν ἐπλούτουν, καὶ τὸ τῶν θεραπόντων γένος ἀνὰ τὴν χάραν ἐπλήθυνε, τοὺς δ' Ἰταλιώτας ὀλιγότης καὶ δυσανδρία κατελάμβανε, τρυχομένους πενία τε καὶ ἐσφοραῖς καὶ στρατείας.

Ademais, este projeto em curso é, em grande medida, sustentado pelos levantamentos de superfície mais recentes (*survey*). O reestudo das áreas mapeadas pelo projeto *South Etruria Survey* desenvolvido pela *British School at Rome*, por exemplo, tem destacado que, do ponto de vista da realidade material, no período seguinte às tentativas de reforma dos irmãos Gracos ocorreu um aumento significativo de *uillae*, mas igualmente de pequenas propriedades (cf. DI GIUSSEPE, 2020, p. 98-112). Deste modo, a permanência e a estabilidade da pequena propriedade campesina demonstradas nos dados arqueológicas acabam deslocando os conflitos sociais presentes nas fontes literárias para uma ideia de coexistência harmoniosa. Entretanto, como bem observa José Knust “a identificação de uma grande taxa de estabilidade das construções rurais não significa automaticamente um período de estabilidade na realidade agrária desta região” (KNUST, 2013, p. 7). Pelo contrário. Como este mesmo autor destaca:

O contraste entre os dados do Tibber Valley Project e as informações das fontes literárias sobre o período das proscições de Sula deixa clara a realidade de instabilidade agrária em um momento em que há pouco registro de recuo na ocupação do solo. Segundo os dados compilados por Di Giuseppe, há pouquíssimo abandono de sítios na Etrúria Meridional no período entre 150 e 31 a.C., o que nos faria imaginar uma realidade agrária bastante estável e tranquila ao longo desse período. Porém, as fontes literárias deixam bem clara a existência de setores camponeses na Etrúria insatisfeitos com as proscições de Sula, ocorridas na década de 80 a.C., que aderem à Conspiração de Catilina, cerca de duas décadas depois, no intuito de recuperarem suas terras. Aparentemente, os despojados por Sula formaram um dos contingentes mais substanciais nas fileiras de Catilina na Etrúria. (KNUST, 2011, p. 9)

Sendo assim, é preciso ressaltar que as relações entre pequenas e grandes propriedades não foram pautadas apenas pelo fator de subordinação. De fato, como destaca Launaro, quanto ao envolvimento da população rural livre desde a produção até a distribuição e o consumo, “os proprietários estavam basicamente ampliando a gama de consumidores reais de seus produtos, estimulando, assim, tanto o desenvolvimento de mercados rurais para culturas de rendimento como um aumento dos níveis de monetização rural” (LAUNARO, 2015, p. 185). Sendo assim, Apesar de ter mudado significativamente a paisagem em algumas regiões em que Roma se tornou hegemônica, a intensificação das *uillae* não necessariamente excluiu outros modos de apropriação do solo; pelo contrário, integrou-os, em algumas regiões com modelos mais arcaicos. No entanto, é inegável que também contribuiu para a desagregação de outras formas de apropriação do solo em outras regiões e para a desintegração de grupos inteiros de suas comunidades originárias.

Com efeito, os levantamentos de superfície recentes e a proposta teórica ligada ao *New Institutionalism* têm lançado novas perspectivas sobre a paisagem e seus efeitos sociais no processo de transição entre a República tardia e a constituição do Principado. No entanto, como aborda Kim Bowes (2021), ao tentar avaliar a economia romana por meio de modelos matemáticos, incorremos no risco de generalizar a partir de evidências muito escassas, centradas em dados da população urbana e, sobretudo, da elite. Além disso, é preciso pensar na ausência de dados sobre as mulheres, a tal ponto que nos questionamos sobre os limites da cliometria. Afinal, este crescimento econômico teria sido, de fato, homogêneo e muito mais integrador do que excludente?⁵ Além disso, como argumenta Carlos Garcia Mac

⁵ Para Kim Bowes, a melhor aproximação da economia romana seria abordá-la em microescala a partir do *household*: “A importância da poupança e dos salários das mulheres, o contraste entre o consumo de alimentos abstrato notional e o consumo real, a natureza complicada e a contabilidade dos salários e as relações entre produção própria, excedente e assalariado nas

Gaw (2014), a concentração fundiária das elites era dispersa, e o fato de o proprietário explorar escravos ou colonos não altera a sua posição social. Este ponto é pertinente, pois, semelhante ao argumento de Knust, a transformação do campesinato livre em colono não altera a paisagem fundiária de forma significativa em algumas regiões. Além disso, o foco no campesinato acaba por relegar a exploração econômica da escravidão para um papel secundário.

Deste modo, o estudo do significado e alcance econômico das *pastiones uillatica* requer uma análise multifacetada, que considere diferentes escalas de produção, circulação e consumo e que leve em consideração os processos de integração e expansão romana, sem minimizar, contudo, os processos de desintegração, exploração e ampliação das desigualdades. Ademais, mesmo que aceitássemos a ideia de crescimento econômico para análise dos empreendimentos das elites, ela não seria suficiente para dar conta da complexidade da competição inter-aristocrática. Apesar de muitos membros da elite terem se beneficiado com a expansão do mercado de luxo, muitos, todavia, acabaram se arruinando dados os altos níveis de exibição e distribuição de benemerências.

Por fim, é preciso ressaltar que, guardadas as devidas semelhanças com a economia moderna, a racionalidade dos antigos de forma alguma deve ser reduzida à racionalidade capitalista moderna, seja para provar sua proximidade ou distância. Ademais, é preciso levar em consideração que nem todas as propriedades rurais das elites eram voltadas exclusivamente para a produção. Assim, como ressalta Norberto Guarinello:

Por outro lado, o período que se seguiu à Guerra Social (90-89 a.C.) presenciou o surgimento e difusão de edifícios rurais extremamente suntuosos, verdadeiras mansões aristocráticas cujo fim não era (ou, antes, não era apenas) a produção agrícola, mas a ostentação da riqueza e do poder de seus proprietários. Fenômeno complexo, que expressa: o crescente enriquecimento da aristocracia romana e a brutal competição política e social na *Urbs* (GUARINELLO, 2001, p. 289).

Este é um ponto importante, pois amplia a nossa compreensão sobre funcionalidade, gestão e exploração das propriedades fundiárias. Como destacamos no início deste artigo, o interesse sobre a *pastio uillatica* era tanto econômico quanto de deleite para seus proprietários. Neste sentido, ao nosso ver, as informações contidas no tratado de Varrão - e mesmo de seu antecessor Catão e sucessor Columela - não devem ser reduzidas apenas ao aspecto econômico e produtivo, embora este aspecto também não deva ser excluído. Sendo assim, o nosso objetivo no próximo tópico será o demonstrar que o debate sobre este tipo de propriedade diz também sobre as relações de poder e o lugar ideal de participação da aristocracia na sociedade.

A *pastio villatica* e a competição aristocrática: o lugar ideal da aristocracia

famílias camponesas: tudo isso é visível nos dados em nível de domicílio e pode ter impactos profundos nos níveis gerais de renda e despesa, impactos que os cálculos do PIB em larga escala deixam de fora” (Bowes, 2021, p. 28-29).

De fato, em parte significativa do terceiro livro do *Rerum Rusticarum* de Varrão, os interlocutores de seu diálogo debatem sobre qual a finalidade ideal da *pastio uillatica*. De acordo com Varrão, o diálogo é resultado das conversas entre ele, Q. Áxio, Ápio Cláudio, Cornélio Mérula, Fircélio Pavão, Minúcio Pica e M. Petrônio Passer a respeito da perfeita casa de campo (*uilla perfecta*). O diálogo ocorre na *Villa Publica*, enquanto eles esperavam o resultado da eleição para edis. Varrão inclusive justifica sua dedicação dizendo que, tendo Pínio uma *uilla* admirada “pelas obras de estuque, pelas emoldurações em madeiras e pelos famosos pisos de mosaico”, visíveis em suas propriedades, também “possa, à medida de teu alcance, tornar-se mais ornada com os rendimentos” (Var., *Rust.*, 3, 1, 10).⁶ Sendo assim, a construção dialógica de Varrão procura demonstrar que a gestão da *pastio uillatica* é um assunto multifacetado. Por um lado, uns defendem o caráter produtivo deste tipo de propriedade, por outro lado, outros argumentam que a propriedade fundiária deve ser direcionada exclusivamente para o prazer, a obtenção e a exibição de luxo.

A querela tem início após uma provocação do senador Áxio, que compara a *Villa Publica* a um viveiro. Ápio responde a provocação de forma irônica, dizendo: “Eu, na verdade, particularmente a ti, cujas aves apresentadas na mesa a um convidado continuo arrotando. Tu mas serviste poucos dias atrás em tua casa de campo de Reate, quando eu ia ao lago Velino a propósito das querelas entre os de Interamna e os de Reate” (Var., *Rust.*, 3, 2, 2).⁷ Entretanto, a intenção de Ápio fora de evidenciar o estilo luxuoso da *uilla* de Áxio, se comparada com a frugalidade da *Villa Publica*. Ápio diz que a *Villa Publica*, apesar de ser menos ornada, ainda é melhor do que as propriedades de Áxio. Isto porque, mesmo não tendo as madeiras de cidreira, ouro ou pisos de mosaico, como se poderia ver nas propriedades do senador, a *Villa Publica* era para onde vinham do “Campo os Cidadãos e os demais homens [...]”; além disso, sendo esta útil para a administração da República, onde se postem as coortes trazidas para triagem do cônsul, onde apresentam as armas, onde os censores acolham o povo no recenseamento” (Var., *Rust.*, 3, 2, 4).⁸

Não contente com as insinuações de Ápio, o senador, Áxio, confirma sobre a utilidade (*utilis*) do Campo de Marte, mas acrescenta que, diferentemente das propriedades de Ápio, revestidas de quadros e estátuas, a sua propriedade rural era reconhecida pela presença massiva de pastores e lavradores (cf. Var., *Rust.*, 3, 2, 5-6). Enfim, Ápio reconhece a sua ignorância sobre o que é uma verdadeira casa de campo e solicita uma explicação para não errar, já que desejava comprar uma casa de campo de M. Seio. Assim, ele diz: “Porque, se não são casas de campo aqueles edifícios que não têm o teu asno, o qual me mostravas em tua casa, comprado por quarenta mil sestércios, temo comprar por uma casa de campo uma mera casa de Seio na praia” (Var., *Rust.*, 3, 2, 7).⁹ Quem lhe sugere a compra é outro interlocutor do diálogo varroniano, Mérula, que, a partir de informações de um liberto de Seio, soubera que aquela propriedade rendia mais de cinquenta mil sestércios anualmente, mesmo não tendo nenhum gado nas pastagens nem prensas para produção de vinho (cf. Var., *Rust.*, 2, 7-9).

⁶ *haberes opere tectorio et intestino ac pavimentis nobilibus lithostrotis spectandam [...] essent, ego quoque, quo ornatior ea esse posset fructu.*

⁷ *quas mihi apposuisti paucis ante diebus in Villa Reatina ad lacum Velini eunti de controversiis Interamnatium et Reatinorum.*

⁸ *haec quo succedant e campo cives et reliqui homines, illa quo equae et asini; praeterea cum ad rem publicam administrandam haec sit utilis, ubi cohortes ad dilectum consuli adductae considant, ubi arma ostendant, ubi censores censu admittant populum.*

⁹ *Quod si ea aedificia villae non sunt, quae asinum tuum, quem mihi quadraginta milibus emptum ostendebas aput te, non habent, metuo ne pro villa emam in litore Seianas aedes.*

Ao longo do terceiro livro do *Rerum Rusticarum*, Mérula é o principal defensor e professor dos ensinamentos da *scientia* da criação na casa de campo, sobretudo com relação aos viveiros. De certa forma, ao nosso ver, o personagem Mérula é caracterizado como representante de uma elite que, ciente do crescente consumo de artigos de luxo, percebe a possibilidade do enriquecimento com uma gestão orientada para produção de alimentos exóticos para um público específico. Assim, o empreendimento defendido por Mérula atenderia os apetites luxuosos de uma parcela da aristocracia republicana, empreendimento que as *leges sumptuariae* - ao que tudo indica, sem sucesso - tentavam limitar. Contudo, como relata Varrão, a obtenção de lucros depende de uma dada circunstância contextual:

Mas, para alcançares esse lucro, ser-te-á necessário o banquete ou o triunfo de alguém, como foi outrora o de Cipião Metelo, ou os jantares dos colégios, que, agora, infundáveis, tornam estratosféricos os preços do mercado. Em todos os outros anos, se não esperarás essa soma, confio que não te arruinará o viveiro de aves; e, pelos costumes de hoje, não acontece que te decepciones a não ser raramente. Na verdade, quão raro é o ano em que não se vejamos um festim, um triunfo ou não se banquetearmos os colégios? (Var., *Rust.*, 3, 2, 16)¹⁰

E Mérula acrescenta:

Mas, devido ao luxo, disse ele, “de certo modo há um banquete diário dentro dos portões de Roma. Acaso ainda L. Abúcio, homem, como sabeis, grandemente douto, cujos livros são à maneira dos de Lucílio, não dizia que sua propriedade no território de Alba sempre era superada nas criações pela casa de campo? O campo, com efeito, rendia menos de dez mil sestércios, mas a casa de campo mais de vinte. Ele mesmo que, se tivesse adquirido uma casa de campo junto ao mar, onde o desejasse, haveria de receber mais de cem mil sestércios dessa casa de campo. Pois bem! M. Catão, há pouco, quando recebeu a tutela de Lúculo, não vendeu os peixes de seus tanques por quarenta mil sestércios? (Var., *Rust.*, 3, 2, 16-17)¹¹

Sendo assim, Áxio, percebendo a possibilidade de retorno econômico com esta modalidade de criação, pede, então, a Mérula que o aceite como *discipulum* nos ensinamentos sobre a *pastio uillatica*. No entanto, ao nosso ver, a intenção de Varrão em expor a viabilidade econômica e seu representante no diálogo é rodeada por uma tensão entre produção econômica e expansão de itens de luxo. Isto porque, como observa Grant Nelsestuen, a gestão da *pastio villatica* requeria uma atenção à “volatilidade da demanda do mercado, razoavelmente segura em sua realização, um empreendimento privado que alimenta o consumo público, e financeiramente lucrativo, mas moralmente questionável” (NELSESTUEN, 2015, p. 187).

Em contrapartida, o próprio Mérula varroniano reconhece que nem todos os viveiros seguem a mesma finalidade. Há aqueles voltados para a obtenção de lucros (*fructus*) e aqueles mantidos por motivo

¹⁰ *Sed ad hunc bolum ut pervenias, opus erit tibi aut epulum aut triumphus alicuius, ut tunc fuit Scipionis Metelli, aut collegiorum cenae, quae nunc innumerabiles excandefaciunt annonam macelli. Reliquis annis omnibus si non hanc expectabis summam, spero, non tibi decoquet ornithon; neque hoc accidit his moribus nisi raro ut decipiaris. Quotus quisque enim est annus, quo non videas epulum aut triumphum aut collegia non epulari?*

¹¹ *Sed propter luxuriam, inquit, quodam modo epulum cotidianum est intra ianuas Romae. Nonne item L. Abucius, homo, ut scitis, apprime doctus, cuius Luciliano caractere sunt libelli, dicebat in Albano fundum suum pastionibus semper vinci a villa? Agrum enim minus decem milia reddere, villam plus vicena. Idem secundum mare, quo loco vellet, si parasset villam, se supra centum milia e villa recepturum. Age, non M. Cato nuper, cum Luculli accepit tutelam, e piscinis eius quadraginta milibus sestertiis vendidit piscis?*

de deleite (*delectatio*), “como fez este nosso Varrão perto de Casino, e encontra muitos apreciadores” (cf. Var., *Rust.*, 3, 4, 2). Assim, ao contrário do modelo apresentado por Mérula, Varrão idealiza uma propriedade que tem por princípios o prazer - não qualquer prazer, mas o deleite da alma (*anima causa*). Descrevendo sua *pastio uillatica* em Cosino, Varrão ressalta os espaços que proporcionam uma estadia prazerosa no campo para que o proprietário possa se dedicar a uma vida ociosa e contemplativa, tais como um *Museum* e um *theatridion avium*. E, enquanto nos viveiros de Mérula os animais ficavam confinados em espaços próprios e seguros, já na *pastio uillatica* ideal de Varrão os pássaros poderiam circular livremente tendo como limite apenas os muros altos (*altis conclusus*) que delimitavam as fronteiras da propriedade (cf. Var., *Rust.*, 3, 5, 5-17).

Para Carin Green, o aviário de Varrão é uma metáfora da própria República Romana, onde o aviário, na verdade, é “uma pequena cidade-ideal estruturada para os pássaros-cidadãos” (GREEN, 1997, p. 443, *apud* NELSESTUEN, 2015, p.200). E mais, Green ressalta que o aviário-República era um reflexo das tensões no seio da aristocracia após as proscricções envolvendo Marco Antônio, Lépido e Augusto que, depois de caçar os pássaros-cidadãos, haviam obtido um enorme lucro, e que agora, com o “lucro os triúmviros, especialmente Octaviano, começaram a reconstruir a *Villa Publica*, isto é, o estado, para apertar as redes que mantinham os pássaros e providenciar a alimentação e o entretenimento que os manteriam satisfeitos” (GREEN, 1997, p. 444). Neste sentido, a diferença que Varrão cria entre o seu modelo e o de Mérula reside no fato de que, enquanto os cidadãos-pássaros mantêm-se presos em benefício de uma vida luxuosa, os pássaros cidadãos de Varrão, ainda que de forma limitada, desfrutavam de uma relativa liberdade.

Já para Leah Kronenberg (2009), o posicionamento de Varrão ao defender uma vida intelectual retirada no campo é uma resposta aberta ao *De Re Publica* de Cícero, que defendia uma vida politicamente ativa como sinônimo de aristocrata virtuoso e mais preocupado com o bem-estar do estado do que com seus interesses particulares. De fato, Cícero referiu-se com repúdio aos cidadãos que por vontade própria se exilavam no ócio (cf. Cícero, *De Re Publica*, 1, 7-8). A proposição de Leah Kronenberg é pertinente, pois, em meio a uma linguagem técnica sobre uma pluralidade de cuidados com o trato dos animais, é certo que Varrão não se isentou de questões políticas próprias dos conflitos que pairavam sobre a República. Deste modo, a descrição de Varrão de seu aviário torna-se um símbolo não da *Villa Publica* ou da *Res Publica*, mas de seu diálogo literário; seu objetivo de gozo em vez de lucros resiste por sua escolha de uma vida contemplativa sobre uma vida política (KRONENBERG, 2017, p. 118). Portanto, a escolha é uma forma de Varrão se autorrepresentar como o mais virtuoso dentre os aristocratas, pois, “enquanto a vida contemplativa que simboliza não é imune às restrições do mundo exterior e não liberta literalmente os pássaros, oferece prazer e, mais importante, conhecimento” (KRONENBERG, 2009, p. 124).

Contudo, a complexidade do debate proposto por Varrão é ainda maior se levarmos em consideração um terceiro modelo de *pastio uillatica* apresentado no terceiro livro, tendo como seu representante Lúculo e descrito por Mérula. De acordo com Mérula, Lúculo idealizou um terceiro tipo de aviário onde, de forma adjacente, tivesse um triclinio, “mas descobriram não tinha razão de ser: com efeito as aves a voejam nele

por dentro das janelas não agradam tanto aos olhos quanto desagrada o cheiro estranho que enche as narinas” (Var., *Rust.*, 3, 4, 3).¹²

Deste modo, o modelo apresentado por Lúculo combinaria os desprazeres (*odor*) da vida no campo, porém útil e lucrativa, com os prazeres (*delicate cenitaret*) que esta atividade também poderia proporcionar à aristocracia. Em sua *pastio uillatica* a utilidade e o luxo convergem em uma mesma direção. Nela os convidados poderiam encontrar um exemplo de uma atividade lucrativa e útil - e que em certa medida convergia nos valores morais dos antepassados - ao mesmo tempo que poderiam desfrutar de um banquete refinado, mas no mínimo exótico, na presença dos animais. Contudo, concordamos com Grant Nelsestuen, que argumenta que a exposição do modelo de aviário de Lúculo é uma forma de Varrão apresentar alegoricamente um *exemplum* de aristocrata “que procura equilibrar *fructus* e *delectatio* numa síntese perfeita, mas que acaba por replicar o excesso de cada extremo” (NELSESTUEN, 2015, p. 202).

Neste sentido, a adesão ao consumo desta nova modalidade de criação, associada aos banquetes luxuosos das elites, refletia sobre quem ou quais grupos estavam sendo beneficiados com os recursos econômicos advindos das atividades militares e da tributação dos povos conquistados. Portanto, mais do que ser moralmente inferior ou superior, este tipo de consumo reflete a competição das aristocracias com relação à exibição e ostentação do luxo. Esta competição, por sua vez, ao que tudo indica, era financiada pela própria competição em torno dos recursos do Estado. Uma passagem do primeiro livro do *Rerum Rusticarum* de Varrão corrobora com esta perspectiva, na qual ele diz o seguinte: “Agora, pelo contrário, preocupam-se em ter uma *villa urbana* o maior e o mais ornada possível e rivalizam com as casas de Metelo e Lúculo, construídas a um custo exorbitante para os cofres públicos” (Var., *Rust.*, 1, 13, 6-7).¹³ Aqui, novamente Lúculo é censurado pelo excesso, embora este modelo de propriedade fosse cada vez mais comum entre as elites.

Sendo assim, ao nosso ver, o debate composto por Varrão, de forma alegórica, nos permite perceber pelo menos três tipos de comportamento da aristocracia com relação à *pastio uillatica* que refletem modelos idealizados de participação da aristocracia na cena pública. No primeiro modelo, Mérula desponta como representante de uma aristocracia que consegue se beneficiar economicamente deste cenário, produzindo e fornecendo alimentos luxuosos para uma aristocracia que tem na ostentação e na exibição sua autorrepresentação. Por outro lado, é bem provável que o enriquecimento destes indivíduos também possibilitava que eles financiassem a carreira política daqueles que representassem o interesse de seus financistas na esfera pública.¹⁴ Enquanto o primeiro modelo estava se beneficiando, por outro lado, havia também os que acabaram se arruinando, pois a todo o instante o patamar de gastos era superado, o que elevava os níveis da competição. Assim, a denúncia do excesso de Lúculo pode ser uma tentativa de, se não diminuir, ao menos estabilizar os níveis da exibição do luxo entre as aristocracias. E por fim, um terceiro modelo, representado pelo próprio Varrão, que prefere se ausentar da competição usando o retiro

¹² *Quod inutile invenerunt. Nam non tantum in eo oculos delectant intra fenestras aves volitantes, quantum offendit quod alienus odor opplet nares.*

¹³ *Nunc contra villam urbanam quam maximam ac politissimam habeant dant operam ac cum Metelli ac Luculli villis pessimo publico aedificatis certant.*

¹⁴ Chynthia Bannon tem um argumento semelhante para o caso de Sérgio Orata. No entanto, para ela, Sérgio Orata pode ser compreendido como representante de uma elite economicamente emergente que, por meio desta nova modalidade de consumo consegue penetrar na sociedade e inclusive interferir no jogo político. Nas palavras de Bannon: “Orata pode ser reconhecido como um exemplo fundamental do empreendedor politicamente e socialmente engajado, inovador e ávido pelo lucro, que forneceu luxos a patronos politicamente poderosos em troca de vantagens (BANNON, 2014, p. 182).

rural como espaço de reflexão filosófica e exercício do ócio. A identificação do caráter autodestrutivo da competição aristocrática pode ser um dos motivos de abstenção por parte deste setor da aristocracia.

De fato, não estamos falando de grupos fechados e com sistemas de valores, identidades e origem bem definidos. Pelo contrário, a permeabilidade destes grupos era um fator importante, inclusive de renovação e atualização de seus interesses. Neste sentido, a análise da *pastio uillatica* apenas do ponto de vista da produção acaba perdendo o horizonte das tensões e conflitos em torno de sua própria constituição.

Considerações Finais

Pretendíamos com este artigo apresentar algumas linhas de abordagem da temática da *pastio uillatica* no *Rerum Rusticarum* de Varrão, sem, contudo, esgotar todas as possibilidades de estudo deste objeto. Para tanto, dois objetivos específicos nortearam nossa argumentação. O primeiro é relativo à preocupação com a aceitação e a aplicação de modelos teóricos abstratos sem uma preocupação com a multiplicidade de processos que eles acabam reduzindo para apresentar uma nova metanarrativa que justifique um sentido ideal para um determinado período histórico. Em outras palavras, a nosso ver, o modelo teórico de análise da economia antiga, quase que hegemônico na historiografia anglo-saxã, parte de certas generalizações que contradizem nossas fontes textuais. A temática da *pastio uillatica* é um exemplo disso. Primeiro porque nem todos os interesses com relação a este modelo de exploração do solo eram exclusivamente econômicos. E segundo lugar, porque a época em que o debate de Varrão está inserido não reflete apenas um processo de integração e crescimento econômico. Embora sejam inegáveis os desenvolvimentos tecnológicos, isso gerou uma série de conflitos por acesso e controle dos recursos materiais e dos aparatos institucionais. Tudo isso acirrou ainda mais a competição política e ampliou as desigualdades sociais, atingindo vários setores da população.

O nosso segundo objetivo deriva do primeiro. Sendo assim, argumentamos em nossa análise que os diferentes viveiros descritos no diálogo de Varrão dizem respeito também a diferentes tipologias de comportamento das aristocracias diante das tensões e conflitos que marcaram o último século da República Romana. Neste sentido, Varrão apresenta uma aristocracia diversa, movida por diferentes interesses. Deste modo, nos parece pertinente pensar que os debates políticos da época encontram ressonâncias na composição do seu diálogo. E, uma vez que estes tratados são uma autorrepresentação de uma parcela da aristocracia, é interessante destacar que havia uma preocupação por parte desta mesma aristocracia em apresentar modelos ideais de gestão da propriedade privada que ecoavam no espaço público, e vice-versa.

Referências Bibliográficas

- APPIAN. **The Civil Wars**. (Loeb Classical Library). Cambridge: Harvard University Press, 1964.
- BANNON, Cynthia. C. Sergius Orata and the Rhetoric of Fishponds. **The Classical Quarterly**, v. 64, n. 1, p. 166-182, 2014.
- BARRIOS, Lázaro Gabriel Lagóstena. Columela: Una visión provincial de la pastio villatica. In: **Hispania et Gallia: dos provincias del occidente romano**. Servicio de Publicaciones de la Universidad de Barcelona: Barcelona, 2010.
- BOWES, Kim. When Kuznets went to Rome: Roman economic well-being and the reframing of Roman history. **Capitalism: A Journal of History and Economics**, v. 2, n. 1, p. 7-40, 2021.
- BOWES, Kim. Words and things. In: DE OLIVEIRA, Júlio Cesar Magalhães; COURRIER, Cyril. **Ancient History from Below**. New York: Routledge, 2022.
- BRUNT, Peter Astbury. **Italian Manpower**. Oxford: Oxford Clarendon Press, 1971.
- CATO/VARRO. **On Agriculture**. (Loeb Classical Library). Cambridge, Harvard University Press, 1979.
- COLUMELLA. **On Agriculture**. 3 vols. (Loeb Classical Library). Cambridge, Harvard University Press, 1977.
- ERDKAMP, P.; VERBOVEN, K; ZUIDERHOECK, A. (Ed.). **Capital, Investment, and Innovation in the Roman World**. Oxford: Oxford University Press, 2020.
- FINLEY, Moses. **A Economia Antiga**. 2ª edição. Porto: Afrontamentos, 1986.
- GLARE, Peter (ed.) **Oxford Latin dictionary**. Oxford: University Press, 1968.
- GREEN, Carin MC. Free as a Bird: Varro de re Rustica 3. **American Journal of Philology**, vol. 118, nº 3, pp. 427-448, 1997.
- GUARINELLO, Norberto Luiz. Arqueologia Rural da Itália Romana. **PHOÏNIX**, v. 7, n. 1, p. 284-310, 2001.
- HOPKINS, Keith. Taxes and trade in the Roman Empire (200 BC–AD 400). **The Journal of Roman Studies**, v. 70, p. 101-125, 1980.
- HOPKINS, Keith. **Conquistadores e Esclavos**. Barcelona: Edições Península, 1981.
- HORNBLOWER, Simon; SPAWFORTH, Antony; EIDINOW, Esther (Ed.). **The Oxford classical dictionary**. Oxford: Oxford University Press, 2012.
- KNUST, José Ernesto M. Crise (s) Agrária (s) na Etrúria Meridional: modelos e indícios. In: **II Encuentro Internacional de Historiadores Jóvenes sobre Sociedades Precapitalistas** (Niterói, 2013). 2013.
- KRONENBERG, Leah. **Allegories of Framing from Greece and Rome**. Philosophical Satire in Xenophon, Varro and Virgil. New York: Cambridge University Press, 2009.
- KRON, Geoffrey. The diversification and intensification of Italian agriculture: The complementary roles of the small and wealthy farmer. In: HAAS, Tymon; TOL, G. **The Economic Integration of Roman Italy**. Leiden and Boston: Brill, 2017.

- LAUNARO, Alessandro. The Nature of the Villa Economy. In: Erdkamp, Paul; *et al.* **Ownership and Exploitation of Land and Natural Resources in the Roman World**. Oxford: Oxford University Press, 2015
- LAUNARO, Alessandro. Something old, something new: Social and economic developments in the countryside of Roman Italy between Republic and Empire. In: HAAS, Tymon; TOL, G. **The Economic Integration of Roman Italy**. Leiden and Boston: Brill, 2017.
- LO CASCIO, Elio; MALANIMA, Paolo. GDP in pre-modern agrarian economies (1-1820 AD). A revision of the estimates. **Rivista di storia economica**, v. 25, n. 3, p. 391-420, 2009.
- MAC GAW, Carlos Garcia. A economia escravista romana. Reflexões sobre conceitos e questões de números na historiografia do escravismo. In: BASTOS, Mário Sérgio da Motta; et ali. (Ed.) **O Pré-Capitalismo em Perspectiva: Estudos em Homenagem ao Professor Ciro Cardoso Flamorian**. Rio de Janeiro: Ítaca, 2014.
- MARZANO, Annalisa. Introduction. In: MARZANO, Annalisa; MÉTRAUX, Guy PR (Ed.). **The Roman Villa in the Mediterranean Basin: Late Republic to Late Antiquity**. Cambridge: Cambridge University Press, 2018.
- MARZANO, Annalisa. **Harvesting the sea: the exploitation of marine resources in the Roman Mediterranean**. Oxford: Oxford University Press, 2013.
- MARZANO, Annalisa. Non solo vino campano. La pastio villatica e una rivalutazione della navigazione nell'antichità. **Oebalus**. Studi sulla Campania nell'Antichità, n. 3, p. 251-266, 2008.
- MORLEY, Neville. **Metropolis and hinterland: the city of Rome and the Italian economy, 200 BC-AD 200**. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.
- NELSESTUEN, Grant A. **Varro the agronomist: political philosophy, satire, and agriculture in the late Republic**. The Ohio State University Press, 2015.
- NORTH, D. **Understanding the Process of Economic Change**. New Jersey: Princeton University Press, 2005.
- PATTERSON, Helen; WITCHER, Robert; DI GIUSEPPE, Helga. **The Changing Landscapes of Rome's Northern Hinterland: The British School at Rome's Tiber Valley Project**. Oxford: Archaeopress Publishing, 2020.
- PLINY. **Natural History**. Cambridge: Harvard University Press, 8 vol. 1968. (Loeb Classical Library, v. 418).
- REAY, Brendon. Agriculture, writing, and Cato's aristocratic self-fashioning. **Classical Antiquity**, v. 24, n. 2, p. 331-361, 2005.
- SCHEIDEL, Walter; FRIESEN, Steven J. The Size of the Economy and the Distribution of Income in the Roman Empire. **The Journal of Roman Studies**, v. 99, p. 61-91, 2009.
- SCHEIDEL, Walter; MORRIS, Ian; SALLER, Richard. Introduction. In: **The Cambridge Economic History of Greco-Roman World**. New York, Cambridge University Press, 2008.
- SCHEIDEL, Walter. Introduction. In: SCHEIDEL, Walter (Ed.). **The Cambridge companion to the Roman economy**. Cambridge: Cambridge University Press, 2012.
- SILVER, Morris. Roman economic growth and living standards: perceptions versus evidence. **Ancient Society**, p. 191-252, 2007.

- STRINGER, Mick. *Impensae, operae, and the pastio villatica*. In: ERDKAMP, P.; VERBOVEN, K; ZUIDERHOECK, A. (Ed.). **Capital, Investment, and Innovation in the Roman World**. Oxford: Oxford University Press, 2020.
- TOYNBEE, Arnold. **Hannibal's legacy**. Oxford: Oxford University Press, 1965.
- VARRÃO. **Das coisas do campo**. Tradução de Matheus Trevizam. Campinas: Editora Unicamp, 2012.
- VIGLIETTI, Cristiano. Cultural hegemonies, 'NIE-orthodoxy', and social-development models: Classicists 'organic approaches' to economic history in the early XXI century. In: ZUCCHETTI, E.; CIMINO, A. M. (Ed.). **Antonio Gramsci and the Ancient World**. New York: Routledge, 2021.
- VIRGÍLIO. **Bucólicas**. Belo Horizonte: Crisálida, 2005.